

LINHARES FILHO

José Linhares Filho: Lavras da Mangabeira, 28.2.1939.

Doutor em Letras pela UFRJ (1985), Professor Titular de Literatura Portuguesa, atual Coordenador do Mestrado em Letras, Coordenador da Casa de Cultura Portuguesa em 1992 e Editor da *Revista de Letras*, tudo em exercício na UFC.

Membro da Academia Cearense de Letras e Sócio da Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Colaborador da revista *Colóquio/Letras* de Portugal e pesquisador do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa junto à Universidade Clássica de Lisboa, em 1987.

DO AUTOR

POESIA

Sumos do tempo. Fortaleza: Sin Ed., 1968.

Sinantologia. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1968 [colab.].

Voz das coisas. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1979.

Frutos da noite de trégua. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.

Tempo de colheita. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987 [Prêmio Estado do Ceará].

Andanças e marinhagens. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1993.

Ensaio e Oratória

A metáfora do mar no Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

Dois discursos acadêmicos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980 [em colaboração com Moreira Campos].

Alguns contos de Moreira Campos. In: CAMPOS, Moreira. *10 contos escolhidos*. Brasília: Horizonte/INL, 1981.

A "Outra Coisa" na poesia de Fernando Pessoa. Fortaleza: UFC/PROED, 1982.

Ironia, humor e latência nas Memórias Póstumas. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1992.

INÉDITOS

O Poético como humanização em Miguel Torga [Tese de Doutorado. Prêmio Estado do Ceará].

A modernidade da poesia de Fernando Pessoa [Tese defendida em Concurso para Professor Titular de Literatura Portuguesa da UFC]

O amor e outros aspectos em Drummond. [Ensaio crítico].

Estudos e opiniões. [Ensaaios críticos].

SOBRE O AUTOR

AZEVEDO, Sânzio de. A colheita poética de Linhares Filho. In: --- *Novos ensaios de literatura cearense.* Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1992.

_____. Linhares Filho; poesia e artesanato. Prefácio a *Andanças e marinheiros.* Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1993.

BENEVIDES, Artur Eduardo. Saudação a um jovem poeta. *Unitário*, Fortaleza, 3.11.1968.

_____. No mundo da poesia. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 7.7.1979.

CAMPOS, Moreira. Saudação a Linhares Filho. In: ---. *Dois discursos acadêmicos.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

CARVALHO, Francisco. Frutos da noite de tréguas. In: ---. *Exercícios de literatura.* Fortaleza: UFC, 1990.

_____. Tempo de colheita. *Revista de Letras*, Fortaleza 12 (1/2): 145-147, 3.11.1968

_____. Linhares Filho, professor de literatura, ensaísta e poeta. Apresentação de *Andanças e marinheiros.* Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1993.

COLARES, Otacílio. Sobre Voz das coisas. *O Povo*, Fortaleza, 29.7.1979.

COUTINHO, Afrânio & Souza, J. Galante de. Dir. *Enciclopédia de literatura brasileira.* Rio: FAE, 1990.

FISCHER, Almeida. A poesia outonal do jovem poeta. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17.7.1984.

GIRÃO, Raimundo & SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da literatura cearense.* Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

LYRA, Pedro. Poesia e fatalismo em Linhares Filho. In: ---. *Poesia cearense e realidade atual.* 2. ed. Rio de Janeiro: Cátedra/INL, 1981.

MACEDO, Dimas. A voz das coisas. In: ---. *Leitura e conjuntura;* crítica literária. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

MONTENEGRO, Braga. Da Criação e do juízo. Prefácio a *Sumos do tempo.* Fortaleza: Sin Ed., 1968.

PINTO, José Alcides. Linhares Filho - poeta e crítico. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza: 2.7.1988.

SILVA, Dias da. Voz das coisas. In: ---. *Da pena ao vento - I: anotações de pé de página*. Fortaleza: Editel, 1981.

A MINHA MÃE, HABITANTE DA MORTE

Tua branca rede já não se arma
para a sesta. Todavia guardo,
com o ranger longínquo dos armadores,
a placidez do teu sono
a entreter o meu sonho.
No teu aposento, mansa e invisível, dorme uma ave.
À mesa posta, entre o apetite e a lembrança,
há uma cadeira sem dono.
Falta ao alimento o tempero
que de tuas mãos ninguém pôde aprender.
Mas junto a mim está um cântaro
que se encheu de lágrimas que libertam.
As dâlias do jardim continuam a florescer,
cada ano, tão brancas, tão viçosas! Contudo
parecem reclamar a sutileza
de um carinho que o meu sono não esquece.
Teus pincéis dormem
com a resignação de pincéis.
Minha alma imperfeita, a despeito de teres sido
artista perfeita, pede, todo dia,
os últimos retoques.
Santa e elmo,
no navio em que eu encontrar borrasca,
os teus olhos serão santelmo.
No silêncio noturno não se ouvem mais
os passos cautelosos com que fechavas
a janela que dá para a rua,
no entanto percebo,
na lâ escura da noite,
o abrigo do teu xale.

(*Sumos do Tempo*)

CANÇÃO EQÜINA

Meu cavalo tem o pêlo
de luar como o de São Jorge.
Eu aliso o seu focinho
e dou-lhe milho do alforje.

Às suas crinas me agarro
para livrar-me de tombos.
Com o canto o ouvido lhe embalo,
e ele me embala no lombo.

Crescem anêmonas de ouro
no lugar onde ele mija.
Dessedento-o numa fonte,
bebedouro do arco-íris.

Enterneço-me ante a sua
inocência cavalariça:
possui-a mesmo com o cio
a percorrer-lhe o espinhaço.

Do roçadô em que ela pasta
reponta um mágico feno:
com a sua viscosa baba
vai fecundando o terreno.

Com a branca presença amiga,
disfarça-me a solidão.
Talvez seja ele o zumbi
do bom cavalo da infância.

Fita-me com olhos de espera,
enquanto pasta no tempo:
seu brando olhar me convida
para os galopes de vento.

Ele segue a minha voz
e sabe coisas de ar,
para que, a toda a brida,
nuvens possa ultrapassar.

ELEGIA PARA MEU PAI

Tua leveza oitentona
os chinelos arrastando
em brevilongas viagens
por aposentos da casa.
As rugas que os contratempos
e mesmo os tempos-sem-contras
no rosto teu imprimiram.
Tua surdez matutando
na cadeira, entre jornais,
urdindo em silêncios longos
o cálculo e a solidão.
Teu ressonar absoluto
pela mais completa ausência
do universo circundante.
Teu bocejo relativo
ante a técnica do vídeo,
que, os olhos te surpreendendo,
não passava aos teus ouvidos
de simples cinema mudo.
Os teus costumes e métodos:
a hora-de-cada-coisa.
Teu capricho, tua reza,
teu gracejo, teu pigarro
e teus pequenos defeitos -,
perdoáveis defeitos teus -,
sem desdouro aos teus braços
e imponderáveis à vista
das nossas pesadas faltas.
A tua pronta memória
de um longe tempo arquivado,
enchendo em laudas o instante
das tuas sombrias vésperas.
As lentes com que, em bons tempos,
lias a gleba, relias,
as safras avaliando
das terras de cana e fruta
antes de todo o vexame
de uma quadra malrendosa,
lentes com que, com minúcia,
em velhas, fiéis balanças,
muitas drogas ponderaste.

O relógio de algibeira
amiúde consultado
(passatempo tragicômico),
dos ponteiros, corda e números
cativo já te tornando,
como quem espera breve
brotar por entre os seus dedos -,
flor mecânica do tempo -,
a hora definitiva.

Nos pés os calos criados
por inúmeros caminhos
e esse engelhado das mãos
que tantos pulsos tomaram,
pensaram feridas tantas.

Tua última doença
com ofegos e exaustões,
com 'a hora-do-remédio
esperada, intransferível,
marcando as oscilações
ou mesmo o estreito limite
entre o agora e o nunca-mais.

Os olhos que nos olharam,
que os passos nossos seguiram,
que tresvários vigiaram
de mil febres que tivemos,
e cuja luz foi, aos poucos,
apagando-se, apagando,
até de todo apagar-se.

Guardada no nosso peito,
tua presença é lembrança.

MOMENTO

Esses bois remoendo um sonho antigo,
essas pedras calando o meu segredo,
esse canalial gemendo o enredo
de um amor que não teve um doce abrigo.
Essas moitas chorando o meu degrado,
essa moenda lembrando o meu castigo,
essas flores a abrir cálice amigo
para um amor que feneceu tão cedo.

ANTE-SUPREMO CANTO OU PREMATURO TESTAMENTO

Dou-vos escassas colheitas
conseguidas com o ofício
de fazer chuva-de-giz
defronte do quadro-verde.
Chuva de uma como cinza,
cinza branca de uns cigarros
que na vida vou gastando
como em teatro sem aplauso;
cai nos olhos, suja os dedos,
cobre de neve os cabelos,
no entanto fecunda o trigo
para o pão de nossa mesa.
Deixo-vos prédios de sonhos
e latifúndios de nada.
Silêncios de solidão,
verdes silêncios de monge,
silêncios talvez herdados
do vosso avô que era surdo
e acostumou-se a escutá-los.
Com eles estrumo o poema,
disfarço a palavra mágica
que trago embaixo da língua
e revelo a timidez
do menino sertanejo
que tenho dentro de mim.
Deixo-vos muitos haveres
sem escritura em cartório
mas pendentes do ar do outono,
ou a serem recolhidos
dos sábios e velhos sons
da cadeira de balanço
em seu ranger de vigília,
no esconso da noite muda.
Achareis ali guardadas
na gaveta do **bureau**
cartas de navegação,
que o rumo vos mostrará
de uma Atlântida submersa,
a que não pude chegar.
Deixo-vos prédios de sonhos
e latifúndios de nada.

A pena de não ter visto
a hora amável em que um sol
desse ao povo redenção
sem sangue nem sacrifício.
Porém vos deixo o meu búzio
de matéria intemporal
que a dor retém dos mareantes
no som que guardou do mar,
para que anuncieis
às trombetas expectantes
as boas-novas de um tempo
que não irei alcançar.
(Não vos quero transmitir
a minha ingloria fraqueza
nos persistentes combates
contra o apetite da carne.)
Dou-vos minha experiência
ensopada no suor
de espreitas e sobressaltos
de quem já andou muita légua:
por mar, em barco veleiro,
entre mistérios, recifes,
procelas e calmarias;
por terra, sobre uma égua
de galopar azulento,
vinda de priscas origens
e de incógnitas pastagens.
Nessa égua fui achando
mais peitos maus do que bons,
mais tristeza que alegria,
muitos rostos assassinos
e rudes vozes roufenhas
de aedos que, dentre o povo,
propagavam gestas, sagas,
cantigas e cantilenas.
Todo o mal da fauna humana
pelas estradas flagrei:
homens lobos (lobisomens?)
disfarçados com pelegos,
e vários em plena praça,
em comícios, assembléias
e tribunais, a empenhar
o próprio espírito ao Diabo.
A guerra, o assalto, o seqüestro,

as inversões dos valores,
dos sexos as inversões,
todo o mal da fauna humana
testemunhei pelo mundo.
Dou-vos minha experiência
por prédios e latifúndios.
Dou-vos a minha espingarda
bem como o meu polvorinho
dependurados no tempo,
para apanhardes as pacas
do almoço de regalia.
O anzol com que pescareis
o peixe das noites túmidas
que tem o corpo inconsútil
e proteínas eternas,
para que saibais provar
o fruto inconho da morte,
desde o nosso nascimento
unido ao fruto que somos.
Deixo-vos tudo que sou
no tudo-nada do sonho.

(Voz das Coisas)

DOAÇÃO DOS CORPOS

Nas tuas ancas habitam
as vésperas do retorno.
Meu timão espera estios
para vogar no teu corpo.

No teu brando olhar habita
o roteiro dos meus passos.
Quando me inunda o teu cio,
navego-te em meus abraços.

Habita nos nossos corpos,
em tanto frêmito unidos,
a ressurreição dos mortos.

Habitam a mão de Deus
os nossos gestos cumpridos,
que já não são meus nem teus.

(Frutos da Noite de Trégua)

O TRAJETO DA CRIAÇÃO

É noite e os galos vão cantar.
Um silêncio espera o ato
que ficou pré-escrito desde sempre,
e há um alerta nas futuras trombetas
do Apocalipse.
Antes da decisão do poeta,
paira no ar uma tensão
entre a liberdade e o determinismo.
A vida exulta neste instante,
e a morte espreita do além.
Logo há de celebrar-se a vida e a morte,
pois é tempo de onírica colheita
e Deus vai comunicar ao homem
uma parcela do hálito que fez o Gênese.
Pela folhagem cresce um tremor de expectativa
à passagem da brisa que cicia.
Pelas cordas, teclados, metais dos instrumentos
corre um latente semitom à escuta,
como prestes a exprimir-se à ordem da batuta.
No pressentimento do poeta,
o seio da terra e o das mulheres
parecem disponíveis para a emoção
do ato fecundante
ou estão como se esperassem acolher
a glória de um nascituro.
Faz-se o Mistério de frêmitos e apelos ocultos
à espera da cantante ação
que há de embalar o mundo.
Os passos do poeta transpõem a soleira da porta
e, num segundo,
a mão acende a lâmpada, e ele se transporta
todo banhado em luminoso enleio.
Roça-lhe a face
o vento da eternidade.
Talvez mônadas se agitem com maior anseio,
e ressonos se interrompam inconscientes.
Talvez, subjacentes,
haja arrepio, ofego, êxtase e receio.
Talvez percorra o globo um repentino eflúvio.

Pássaros talvez acordem em seus ninhos,
a síndrome talvez se abale no seu curso,
e os arsenais das armas nucleares
abalem-se, talvez, por existir com fúria.
Feridas latejando apostemáticas
de modo mais intenso,
no corpo ou na alma de entes cancerosos,
oprimidos ou injustiçados,
talvez esperem um instante
por sua cura e tempos venturosos.
Vai ser dita a Verdade,
vai ser criado um mundo,
que pode mudar o mundo,
vai ser fundada nova face da Beleza.
Acorda a voz, o primeiro som, riscando
a fogo e nuvem o papel.
Das trevas todo em luz e só deleite e mel,
ou só denúncia e ardor, revôo e encanto,
surge aquele que é um teorema
para que o mundo se recrie e se complete:
- com a manhã, das mãos aflitas do poeta
nasce o Poema.

CANÇÃO DE MAR E TERRA

Terra de semeadura em pleno outono,
trazes os mesmos impetos do estio!
Teu olhar pede êxtases, e abono
que celebremos juntos nosso cio.

Ao teu corpo incansável me abandono,
em tua alma envolvente me confio.
Sei preparar a glória do teu sono
com a libação do corpo em replantio.

Mas és o mar, além de gleba e dunas,
por isso as ondas te navego ainda:
com mão de brisa minha vela enfunas.

Meu amor, ante os seios teus de espreita,
de antigamente vem e vai na linda
viagem, que é plantio e que é colheita.

ROMANCEIRO DE UM MORTO VIVO
3. MURMÚRIO DO COVEIRO "MÃO DE ONÇA"

Queria que eu tivesse
mão de anjo e não de onça,
para enganar, com uma prece
ou mágica, a morte sonsa.

Plantarei esta semente
cheio de dor e sem pressa,
mas como quem já pressente
ser realidade a promessa.

Demorarei meia hora
a plantar esta semente,
mas da treva feito aurora
surgirá meu Presidente.

Chora a colher de pedreiro
sobre as pedras desta cova.
Correrá daqui ligeiro
o rio de uma luz nova.

Minha mão deita o cimento,
massa com o pranto da massa
que inchará, como fermento
forte, a invadir toda a praça.

A velha mão já se cansa
de trabalhar com esta massa,
porém não cansa a esperança:
Tancredo enterra a desgraça.

(Tempo de Colheita)

MENSAGEM DE PORTUGAL

Ah! devíamos ter amado mais:
talvez menos doesse esta distância.
No entanto o peito agora, feito de ânsia,
sente que para o amor é mais capaz.

Com maior força para ti me atraís,
sopram-se antigas cinzas de inconstância.
Vivo a sonhar-te e vou, com toda a instância,
exorcizando sombras de jamais.

Espero-te. Terás o mesmo embalo
de noites tropicais. Tudo é um regalo
neste claro verão que arde e ressoa.

Espera-te um querer de tais matizes
que, na terra onde estão nossas raízes,
como o tempo ver-te-ei sorrir à toa.

Lisboa, verão de 87.

FUSO HORÁRIO

O som de um sino vem com a inquietação das ruas,
à minha insônia fala e crucial ressoa. . .
Que tristeza já serem em Lisboa,
onde estou, duas horas da matina,
e em casa, no Brasil, serem ainda
vinte e duas!
Aqui ser hoje e lá ainda ontem. . .
(Contem-me como aí está sendo ontem, contem!)
Tamanha pressã atraí, a ela não se resiste.
Deixa-me, todavia, muito triste.
Um qualquer sensabor de despedida
de quem se adianta e deixa atrás a vida
dos seus me atemoriza e me incomoda.
Vertigem? Sensação de ultrapassagem?
(Ouvi teus passos em roda?
Ouvi a tua voz, vi tua imagem?)
Possuindo o tempespaco em si infuso,
o fuso horário deixa-me confuso.
Faz-se de onda e sal, nuvens e atmosfera,
de terra e poeira azuis, de vãs esperas.
Tecendo o meu destino entre os meridianos,
sem roca o fuso fia desenganos.
Da solidão nas malhas estou preso
e sinto-me indefeso
por tanta coisa não poder, aqui, distante,

como o calor sentir da Amada um só instante
e não poder, à mesa de além-mar,
unir-me a certo grupo e tomar parte ativa
na sua alacridade à hora do jantar. . .
Ai, toda ausência faz doer o lembrar
e é uma preparação para a definitiva. . .

Lisboa, 30.8.87.

CANÇÃO DA ESCADA

Antiga escada de cedro,
a mesma escada do sótão,
a do tristonho e tão só.
Própria a uma ascensão triunfal
e imagem de algum ciclone,
certa escada em espiral.
Escada para o repique
a cada anjo dormente
ou para o toque a finados,
a da torre do passado
na matriz de São Vicente.
Escada da rouparia,
galgada pela alegria
de internos na arrumação
da bagagem para as férias:
do afã pisada, o subir,
umas fumaças de incenso;
e o descer, as ladainhas
ou declinações latinas. . .
Benta escada do Bonfim
e benta escada da Penha,
ambas vias percorridas
para as nossas oferendas.
Escada do Corcovado,
a de um Tabor brasileiro
para o olhar extasiado
do nativo e do estrangeiro.
Rústica escada do Horto
do Patriarca de Juazeiro,
marcada do desconforto,
da pena e fé do romeiro.

Escadas célebres como
as do Palácio da Pena,
oh! as da mais bela cena
e a da cúpula de Duomo,
de Brunelleschi, em Florença,
penhor de minha constância
e de tua desistência. . .
(Escada tosca, de pedra,
a das nossas graves quedas.)
E quanta escada rolante,
rio de aço do consumo,
muita vez fluir estranho,
fluir de um contrário rumo,
não normal, mas a montante
em sua pressa constante.
Escada de sucupira,
a nossa, de cada dia,
a de projetos em mira:
de ocultos rastros coberta,
sempre ao infinito oferta,
escada para o aposento,
veículo do sedento,
ponte da íntima paisagem,
uma escada como imagem
de uma escalada de glória,
nova escada de Jacó,
marcada de sonho e dó,
de lances da nossa história
cheia de sons em conjunto
como as falas na memória
das viagens pelo mundo.
Tanta escada numa só
e tantos os seus degraus
de cansaço, ardor e caos!
Via de fuga ou diáspora,
artéria da diária andança,
um repto à arteriosclerose
ou à possível artrite.
Sempre instigante convite
à nossa louca esperança!

(Andanças e Marinhagens)